

Diversidade e hibridismo culturais: bases do desenvolvimento regional

Diversity and cultural miscigenation: basis of regional development

Denadeti Parcianello Belinazo*
Jussara Jacomelli**

Resumo

Contemporaneamente, o termo *cultura* abre janelas maiores para a diversidade cultural e, nisso, concede voz às comunidades alheias ao processo de desenvolvimento. Este tema vem sendo alvo de discussões, inclusive, em nível acadêmico. Com base nessa premissa, formalizou-se como objetivo deste estudo elaborar uma análise teórica sobre cultura e suas conexões com o desenvolvimento regional, no afã de identificar quais os maiores desafios enfrentados entre esses dois campos de conhecimento. Decidiu-se, também, por fazer uma análise crítica do modelo de desenvolvimento advindo da modernidade européia. É pacífico, entre os estudiosos da área, que o desenvolvimento assenta-se na diversidade e no hibridismo culturais, e que o regional – por imbricar potencialidades locais – consubstancia-se num campo de construção, dinamizando projetos em prol do desenvolvimento.

Palavras-chave: cultura; desenvolvimento regional; impacto global; diversidade cultural.

Abstract

The term culture opens up various windows to cultural diversity and gives a voice to communities excluded from the development process. The discussion around culture has been the focus of the argument. Based on this premise, this paper aims to analyze the theory around culture, its connections with regional development, identify what are the greatest challenges in these areas of knowledge. It was also decided to perform a critical analysis of the development model that stems from the European modernity. In accordance with experts in this area, development is based on diversity and on cultural mixing, and that local development, because of its recognition of local potentials, helps the implementation of development projects.

Key words: culture; regional development; global impact; cultural diversity.

* Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, mestre em Engenharia de Produção pela UFSM, doutoranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Empresária. denadeti@terra.com.br

** Historiadora e Cientista Social, mestre em História pela Universidade de Passo Fundo (UPF), Rio Grande do Sul, doutoranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade de Santa Cruz do Sul (UNISC). Professora de História e Geografia na Rede Municipal de Ensino de Frederico Westphalen, Rio Grande do Sul, e, na Rede Estadual, na Escola Técnica de Segundo Grau Jose Cañellas. jjacomelli@brturbo.com.br

Uma sociedade é um conjunto de subgrupos cujos modos particulares se distinguem no interior de um modelo comum.

Ortiz

Introdução

Cultura é palavra proveniente do latim, e quer dizer cultivo, plantação, criação. Daí se extrai a idéia de movimento. A cultura não é estática. Resulta de uma multiplicidade de práticas políticas, econômicas, sociais, ideológicas, crenças e outros, que vão sofrendo alterações ao longo do tempo e nos espaços conforme as interações e construções sociais que ocorrem no âmbito das relações internas e externas ao grupo. É marcada pela diversidade em todos os sentidos. Não há fronteira, mas não se eliminam as especificidades. Por isso, não homogeneiza, mas determina uma tendência crescente de “hibridização” das sociedades.

O campo da cultura, principalmente por sua característica de diversidade, diante da ineficiência do modelo de homogeneização cultural proposto pela modernidade, tem se tornado objeto de exploração mercadológica. Disso advém a proeminente necessidade de repensar políticas culturais por meio dos Estados e dos sujeitos locais e regionais, sobretudo porque desenvolvimento e cultura estão intimamente relacionados. Modelos de desenvolvimento com base na unificação cultural fracassaram. Modelos de desenvolvimento com base na exploração comercial da diversidade cultural não são o caminho. Como combinar – em face de tal situação e da proeminente e sempre marcante presença do capital como norte dos rumos da sociedade – desenvolvimento e cultura, como fonte de mudanças e de novos parâmetros, em que desenvolvimento signifique qualidade de vida para todos?

A sociedade como um todo – histórica, política, social e culturalmente – foi marcada por paradigmas que tinham como meta de concepção um olhar holístico em direção ao passado ou em direção ao futuro. Com o

advento dos modernos, a partir do Iluminismo, a direção, o olhar para o futuro configuraram as orientações paradigmáticas. Estas, por sua vez, respaldavam-se na idéia de progresso (capitalismo, na percepção do indivíduo; socialismo, na percepção da coletividade), no progresso linear e em direção ao futuro: cheio de promessas e realizações para os indivíduos ou para as coletividades.

Esse progresso, então, fomentava na identidade individual ou coletiva a esperança da igualdade, da paz, enfim, a possibilidade de todos serem agraciados pelas benesses do progresso de forma igualitária. A moção desse campo das expectativas não se realizou. O mundo no século XX viu-se solapado em suas visões futuras, tanto no campo das orientações coletivistas quanto no horizonte individual. Com relação às primeiras, pode-se citar o fim do Socialismo Russo; já com respeito ao segundo enfoque, tem-se como referência as ditaduras capitalistas, os intervencionismos etc. Constata-se, assim, que foi em meio à crise paradigmática da modernidade que surgiram novas concepções explicativas da sociedade, denominadas pós-modernas. Desse modo, balizando as novas concepções, tem-se a análise do viés cultura e desenvolvimento no campo do regional.

Este artigo propõe-se a colaborar com a discussão do tema cultura e desenvolvimento regional, ao mesmo tempo em que busca detectar quais as dificuldades mais relevantes decorrentes do embate entre cultura e desenvolvimento regional.

Após esta introdução sucinta a respeito do tema em pauta, abordam-se conteúdos relativos ao progresso global e à percepção regional, tendo-se por base a reflexão de autores dessa área de conhecimento. Em seguida faz-se uma análise teórica sobre cultura e desenvolvimento, bem como uma breve análise teórica

sobre o campo regional e as implicações culturais para o desenvolvimento. Nas considerações finais, destacam-se os principais resultados, indicando-se propostas para futuros estudos.

Com relação à metodologia adotada neste estudo, optou-se por uma pesquisa do tipo exploratória e qualitativa, tendo como objetivo geral elaborar uma análise teórica sobre cultura e suas conexões com o desenvolvimento regional, visando identificar quais os maiores desafios enfrentados entre esses dois campos de conhecimento. Em termos de procedimentos utilizados na execução deste estudo decidiu-se pelo levantamento bibliográfico, com o qual buscou-se examinar temas como cultura, desenvolvimento regional e as dificuldades mais notórias enfrentadas por esses dois campos de conhecimento. Procurou-se, dessa maneira, construir considerações pertinentes sobre o campo de investigação, a fim de identificar conexões importantes entre cultura e desenvolvimento regional.

1 Do progresso global à percepção do regional

A noção de progresso marcou a modernidade com base no reducionismo econômico, determinando um economicismo explicativo e organizativo da sociedade sem precedente histórico anterior. Com o fim do Socialismo Russo, nos anos 80, o Capitalismo estabeleceu sua hegemonia em termos de modelo econômico de sociedade progressista. Nesta configuração mundial, os demais aspectos da vida em sociedade passaram despercebidos e/ou desconsiderados por seu caráter de peculiaridade em relação ao modelo proposto.

Contudo, as peculiaridades regionais ou locais, mesmo sofrendo alterações, são pertinentes e, ao desconsiderar a complexidade da vida em sociedade, o capitalismo da modernidade, contraditoriamente à sua própria evolução, fragilizou o motor economicista

explicativo da história pretensamente global. Nesse sentido, Zaoual (2003, p.44-45) afirma: “a epistemologia do pensamento global deixou de evidenciar a interconexão da vida econômica de uma sociedade com o restante que define sua identidade, seus valores e suas crenças”. Entende-se que esse procedimento é prejudicial às particularidades pertinentes ao local, bem como a uma adequada gestão para a evolução do capitalismo inteligente.

As frustrações no campo das expectativas do progresso linear remeteram, na segunda metade do século XX, a novas concepções de compreensão das sociedades ou dos espaços territoriais. Essas epistemologias são denominadas pós-modernas e, por elas, o espaço passa a ser considerado não só enquanto espaço global mas também e, por conseguinte, enquanto espaço local, regional. Giddens (1991, p.177) explicita que, em seu novo caráter, o mundo “entrelaçaria o local e o global de uma maneira complexa”.

Nessa perspectiva, “a racionalidade capitalista” deixou de ser projeto e tornou-se fato do presente (ORTIZ, 1989, p.37). Na medida em que a circularidade da modernidade se firmou, o progresso esvaziou-se de conteúdo de tal forma que a orientação para o futuro passou a ser vista com um caráter infinitamente aberto. Ademais, a ideologia do progresso que alimentou a identidade mobilizadora do capitalismo e do socialismo se traduz, dessa forma, na crise contemporânea, como crise de mitos, crise econômica, política, social e das epistemologias globais e lineares.

A crise, porém, não eliminou a noção de progresso. Esta se apresenta sob novas orientações. Em relação a isso, ao tratar da ciência histórica no limiar pós-moderno, Diehl (2002, p. 23) infere que a dificuldade da noção de evolução ocorre a partir do confronto entre intenção e realização. Assim sendo, genericamente,

a concepção de progresso será criticada sob a denominação de ‘macroistória’ e então substituída por ‘microistória’. Agora não se trata mais de desenvolvimentos temporais [longevos] das relações de produção, formação social, etc., mas sim de reconstruções detalhadas de

'condições de vidas passadas' e desenvolvimentos particulares, trazendo à lembrança do historiador um antigo dilema metodológico: observar a floresta ou a árvore (DIEHL, 2002, p.35).

Ortiz (1989), ao discutir a formação cultural brasileira, situa a modernização como um valor cultural assumido sem ser questionado, no qual a industrialização foi a tônica da modernização. Nesse contexto, a indústria cultural ficou à margem das discussões porque a modernização foi tomada como um valor em si no transitar do pensamento para a questão nacional, de tal forma que a cultura brasileira foi articulada sob a égide da modernidade nacional. Dessa construção emergiu uma concepção estreita sobre o termo *indústria cultural*. Enquanto a discussão cultural esteve centrada nos rumos políticos do País, a cultura de massa não fez parte da pauta. A cultura de mercado, por sua vez, não deixou de tramitar e se ramificar em todos os âmbitos da vida social, alterando a cultura local e veiculando o consumismo, a aparência, a opulência e o aumento da distância entre pobres e ricos. A pretensa modernização, no Brasil, ao se restringir ao âmbito do político, combinando conservadorismo e modernidade, e sintetizada na industrialização, desconsiderou o âmbito social, a promoção de políticas públicas de melhoria de vida, o desenvolvimento "em si e per si".

Nesse enfoque, a industrialização fluía como necessária para a consolidação da nacionalidade brasileira e, em razão disso, não havia motivos para impedir a expansão desse raciocínio para o âmbito da cultura. Com esse novo entendimento, a omissão concedeu espaço para um discurso que articulava modernidade e cultura. Todavia, esta fala omitia as dificuldades advindas da racionalidade capitalista.

As críticas são contundentes no que tange à modernidade vista enquanto um projeto ocidental, ou seja, no que é definido como ocidentalização do mundo. Conforme Latouche (1994, p.82), a ocidentalização "é primeiramente uma gigantesca encenação econômica mundial, mesmo que seu resultado mais espetacular seja mais a uniformização dos modos e modelos do que a

obtenção de verdadeiros meios de conformar-se a ela". Visto dessa modalidade, a concepção ocidental, em parte,

não passa de veste cultural da industrialização, mas a ocidentalização no Terceiro Mundo é, antes de tudo, uma desaculturação, isto é, uma destruição pura e simples das estruturas econômicas, sociais e mentais tradicionais, apenas para serem substituídas a prazo por um montão de sucata destinada à ferrugem. O impasse industrial leva diretamente ao impasse societal. Os dois fracassos seriam apenas um: a rejeição do transplante da "ocidentalização" (LATOUCHE, 1994, p.84).

Nesse cenário, o papel do Estado-nação também passou a ser objeto de análise, a qual revelou o seu fracasso como âncora do desenvolvimento das políticas pró-modernidade ou políticas liberais. Atualmente, em especial no Terceiro Mundo, o Estado-nação encontra-se esvaziado de suas funções e responsabilidades diante da sociedade. Isso implica dizer que, sob o viés da cultura, há uma pretensa "aculturação" das sociedades, em especial do Terceiro Mundo, as quais terminam por relegar sua cultura tradicional em função do novo (moderno).

Essa visão ocidentalizada do mundo é criticada por Ortiz (2003), para quem as manifestações universais possuem características que permitem a aderência entre os segmentos de consumo, técnica e lazer. Tendo em vista sua abrangência planetária, "a circulação dos bens culturais ganha maior consistência ao ser pensada em termos de mundialização, e não de difusão. Neste caso, é necessário vincular as expressões culturais ao solo da modernidade que lhes dá sustentação" (ORTIZ, 2003, p.96), podendo, assim, ser compreendida.

A compreensão dessa situação remete ao campo da imaginação, do simbólico, onde concepções de dominação, não raro, encontram terreno fértil para cambiar a sua hegemonia. O mecanismo é acessar a recepção-aceitação de determinadas concepções como crenças. Este é o caminho da legitimação, da construção hegemônica da dominação. Ortiz (1994), ao tratar do assunto, afirma que o mundo da cultura é o espaço no qual essas crenças evoluem para o patamar da convivência. Diante disso, já não há mais uma identidade

nacional, pois “a memória internacional-popular contém os traços da modernidade-mundo, ela é seu receptáculo” (ORTIZ, 1994, p.126). Nesse viés de análise, ainda de acordo com Ortiz (1994), a modernidade é plurirreligiosa e flexível, permitindo que diferentes concepções de mundo, relativas às idéias políticas não-harmônicas, convivam. O processo de globalização aumenta o desgaste do monolitismo simbólico. Assim, os ideais nacionais se diluem e não se consegue identificar em sua dinâmica seus traços característicos, e a coesão nacional é de algum modo afetada pela evolução da modernidade.

Deduz-se disso que, embora a condição da modernidade tenha uma tendência homogeneizante, não conseguiu abafar as diferenças, as especificidades culturais, ainda que conte com o poder da atuação midiática e com o apoio das corporações no que se refere à criação dos conceitos consumistas. Percebe-se, nisso, uma oportunidade a ser utilizada no espaço regional, sendo possível resgatar e observar que as sociedades são marcadas por dinâmicas próprias e pelo intercambiar dessas dinâmicas.

Com esse levantamento teórico, buscou-se, em princípio, evidenciar algumas colocações de autores a respeito da passagem do moderno para o pós-moderno. A partir desse procedimento, infere-se que os motivos da crise moderna e do surgimento de novas concepções explicativas para a humanidade são resultado do mau equacionamento das expectativas futuras, as quais se converteram em frustrações. Sob outro enfoque, pode-se dizer que o progresso, entendido como proposta predefinida, e a modernidade enquanto centrista, mostraram-se incapazes de promover a paz mundial, resolver os conflitos econômicos dos sistemas estabelecidos (capitalista e socialista) e evitar a crise da identidade moderna. O futuro passou a ser incerto, e o presentismo concretiza-se como fato. O espaço passou a ser objeto de estudo, imbricando as dimensões do local, do regional e do global.

Nesse novo campo epistemológico, o aspecto cultural, por sua vez, passou a ser fonte de análise das sociedades com vistas ao desenvolvimento que, sabemos, só ocorre quando impregnado pela cultura. O campo cultural é estratégico e pode servir para a dominação quando fruto da indução. Nesse caso, a cultura, ao ser pré-fabricada e imposta à comunidade como crença, mito, valor, solução dada, posta (como foi o mito do progresso linear, do futuro de realizações), desconsidera as diversidades e peculiaridades locais-regionais e resulta em frustrações. A cultura enquanto caminho para o progresso contém o valor da diversidade, que insiste em se manter em meio à tendência cultural homogeneizante da modernidade ou da sociedade de consumo.

Essa diversidade possui a peculiaridade de ser construída pelos sujeitos a partir das experiências de vida, crenças locais-regionais, concepções de mundo, intercâmbios e trocas entre si e com outros grupos e, inclusive, com a interação e/ou conflito entre diversidade e tendência homogeneizante. São proposições que vêm à tona e possuem como referencial a demanda humana por respostas em meio ao fim das certezas canalizadas para o futuro via projeto da modernidade.

Logo se presume que, se as sociedades são marcadas pela dinâmica, e esta dinâmica significa ou promove o desenvolvimento, este agora se apresenta sem um sentido único, mas sim marcado pela circularidade, na qual temos os novos enfoques de percepção e análise das sociedades pelo âmbito da cultura. A cultura não é estática, vai sofrendo modificações ao longo do processo histórico de cada comunidade. Também não está fixada no campo do tradicional ou do moderno, ou entre um e outro. Ela resulta do passado e do presente; ela vai, dessa forma, sofrendo modificações ao longo da história da humanidade e vai historicizando os espaços de forma diferente.

2 Desenvolvimento e cultura

As conexões entre cultura e desenvolvimento vêm historicizando os espaços, marcando épocas, construindo cenários. A cultura é parte da sociedade, mola propulsora do conhecimento e da forma de agir de uma comunidade. Conhecer e analisar a cultura de um povo consubstancia-se num dos caminhos para a compreensão da sua organização, estrutura, funcionamento, seu campo imaginário e de crenças.

O significado do desenvolvimento para um povo está intimamente ligado a sua construção cultural. Por um bom período, os estudos da sociedade estiveram pautados por uma idéia de progresso homogêneo e futurista. Nessa percepção, as noções, as construções e as visões, enfim, o caminhar e as perspectivas das comunidades foram desconsiderados. Contemporaneamente, percebe-se que é necessário buscar as construções históricas dos grupos humanos – comunidades, sociedades, Estados, organizações, conglomerados –, pois a historização dos espaços resulta da soma de construções no campo cultural e, neste viés, encontram-se as noções de desenvolvimento plausível para determinada região e sua comunidade (grupo humano).

Entende-se como importante para o estudo do tema desenvolvimento e cultura a fundamentação do significado de desenvolvimento, tendo em vista que é um tema bastante complexo em termos de definição. Como salientado anteriormente, durante a vigência da modernidade – época do Fordismo aos pós-modernos, ou do Iluminismo do século XVIII até final do século XX – a humanidade foi regida por modelos de sociedade com tendência a anular as diferenças, a partir da construção do mito do progresso e da modernidade. Este projeto desenvolvimentista destrona a religião, a qual fora o grande motor da sociedade durante os períodos da Antiguidade e da Idade Medieval.

Diante dessa constatação, cabe evidenciar que tanto o projeto ocidental, norte-americano, quanto o do corporativismo transnacional, caracterizaram-se por

serem instrumentalistas e utilitaristas e foram instituídos sob a bandeira da prosperidade dos indivíduos, da sociedade, e sob o decantar da liberdade.

Contudo, dessa celebração do desenvolvimento emergiu um cenário de crise. Os parâmetros da modernidade homogeneizante passaram a ser questionados e os fundamentos místicos da ocidentalização ficaram abalados. A fome, o desemprego, as guerras, são episódios reais e intensificam as contradições do próprio sistema, pretensamente progressista, as quais são o reduto – da diversidade cultural, dos múltiplos mundos – no qual ocorrem as manifestações dessas questões. Partindo da historicidade, das necessidades e desejos das comunidades, bem como emergindo de dentro e/ou utilizando políticas externas em sintonia com os anseios internos, os grupos sociais buscam novos horizontes sob o signo do desenvolvimento da diversidade. Em razão disso, entender o significado do desenvolvimento nesta nova concepção de mundialização em que se vive a redefinição de paradigmas consubstancia-se no caminho para melhor compreender a complexidade do termo. De acordo com Kliksberg (2000, p.22),

los objetivos finales del desarrollo tienen que ver con la ampliación de las oportunidades reales de los seres humanos de desenvolver sus potencialidades. Una sociedad progresa efectivamente cuando avanzan los indicadores clave, como cantidad de los años que vive la gente, calidad de su vida y desarrollo de su potencial. Las metas técnicas son absolutamente respetables y relevantes, pero son medios al servicio de esos objetivos finalistas.

É pertinente, nesse sentido, a observação de Zaoual (2003, p.74) de que o apoio externo, ou seja, os financiamentos, não garantem individualmente melhorias na qualidade de vida se as pessoas em seu contexto não evoluem a ponto de adquirir habilidades endógenas para um desenvolvimento autônomo. Ainda, segundo esse autor, a mundialização construída com base em ingerências externas aos grupos, sociedades, destrói as raízes da existência autônoma dos humanos. Entretanto, a autoconfiança dos povos é prioridade da emancipação

de tal forma que os projetos de desenvolvimento devem partir de dentro, pois "projetos sem sujeitos se perdem na infinita diversidade das situações", e os significados locais constituem o diferencial no império da técnica (ZAOUAL, 2003, p.104).

Deduz-se, assim, que em meio à crise dos grandes modelos – capitalista e socialista – de progresso e/ou desenvolvimento, um dos temas que motivam debates hoje é o **desenvolvimento**, e deste surgem conceitos básicos centrados no respeito à diversidade, o que sintetiza, para fins de estudo, desenvolvimento como condição social de movimento de um grupo ou sociedade, caracterizado pela autoconfiança, emancipação e participação no cenário interno e externo como sujeitos de sua própria história, projetos de vida e potencial; condição de respeito à diversidade, ao ambiente e à cultura.

O viés cultural também merece ser, diante de tais explanações, objeto de reflexão, por caracterizar as concepções de vida, o caminhar de uma sociedade, constituindo fecundo campo de análise social, política e econômica. Soma-se a isso a condição de que toda ação humana está de alguma forma relacionada com crenças e imaginários que marcam o fazer, o acontecer, o existir, o real. Nesse sentido, Kliksberg (2000, p.25-26) afirma que

el capital social y la cultura han comenzado a instalarse en el centro del debate sobre el desarrollo, no como adiciones complementarias a un modelo de gran vigor que se perfecciona un poco más con ellos. Todo el modelo está sufriendo severas dificultades por sus distancias con los hechos, y las críticas procedentes de diversos orígenes se encaminan de un modo u otro a 'recuperar la realidad' con miras a producir, en definitiva, políticas con mejores oportunidades respecto de las metas finales. En ese encuadre, el ingreso al debate de estos temas forma parte Del esfuerzo por darle realidad a toda la reflexión sobre el desarrollo.

Em continuidade, Kliksberg (2000) entende que o capital social e a cultura são componentes básicos do desenvolvimento das sociedades de tal forma que

a cultura imbrica-se no capital social. Conforme sua exposição, as famílias, os grupos, formam o capital social e a cultura por portarem atitudes de cooperação, valores, tradição e a visão da realidade, além de construírem o estilo de vida das sociedades.

Brant (2005), ao estudar globalização e diversidade cultural, enfatiza que é unânime entre as instituições nacionais e internacionais e estudiosos a existência da diversidade cultural. A pretensa homogeneização não encontrou unanimidade em seus propósitos, pois abafou mas não conseguiu suprimir as diversidades. Assim, o debate atual centraliza-se na globalização e diversidade cultural. De modo que dessa dualidade advém a preocupação de planejar e administrar a diversidade cultural, para que se evolua para um novo estágio do desenvolvimento cultural e midiático.

A percepção dessa dualidade que rege as ações humanas é traduzida por Hermet (2002) na dicotomia do conceito construído em torno do termo cultura. Para ele, a cultura pode ser entendida de duas maneiras: "em seu sentido antigo e estreito, designa a 'alta cultura' da [elite], mas, no sentido relativamente mais recente do termo, aplica-se ao conjunto das relações que os membros de um grupo humano mantêm entre si, abarcando todos os códigos tácitos e todas as práticas que regem tais relações" (HERMET, 2002, p.93). O conjunto dessas relações, códigos e práticas forma a identidade de uma sociedade. Esta identidade não é fixa na medida em que as relações, os códigos e as práticas sociais vão se modificando pelo movimento interno e pelo movimento provocado pelo transitar de e/ou pelo contato com conhecimentos externos ao grupo.

O ir e vir do visível e do invisível, do qualitativo e do quantitativo, em um grupo ou grupos pelo intercambiar de conhecimentos, concepções, noções, interações políticas, econômicas e outros provoca aquilo que alguns autores denominam hibridismo cultural. Nesse cenário, Ortiz (2003, p.83) aponta para o surgimento de culturas híbridas, pois "a mobilidade das fronteiras dilui a oposição entre o autóctone e o

estrangeiro". Soma-se a percepção da inexistência de um único modelo de organização mobilizável, mesmo na base, porque o mundo se caracteriza pela diversidade de populações e situações entrelaçadas em sistemas de crenças e práticas variadas no tempo e no espaço.

Essa situação é apropriada no âmbito do econômico, que vem pontuando uma nova forma de atuação das organizações e nações, as quais, "da diversidade, [...] conquistam suas vantagens competitivas. A emergência de um novo paradigma de evolução não exclui, portanto, múltiplas bifurcações econômicas e tecnológicas, variedade fundada na grande diversidade das instituições, das culturas e das histórias da humanidade" (ZAQUAL, 2003, p.69). Santos (2002, p.49), nessa mesma direção, tece crítica à capitalização da cultura. Segundo ele, a cultura é mercantilizada num consenso liberal seletivo, no qual os fenômenos culturais "interessam na medida em que se tornam mercadorias que como tal devem seguir o trilho da globalização econômica". Frente ao domínio liberal e à perda das funções do Estado, Sosnowski (2000, p.174) também critica a mercantilização da cultura e defende a necessidade de legislação de incentivo e democratização da cultura, visto que "*no hay pueblo homogéneo ni cultura homogénea y, en consecuencia, tampoco debe haber una sola política cultural para un país, ni mucho menos para toda la región*".

3 O campo regional: síntese cultura-desenvolvimento

Na complexidade da crise fundamentam-se novos rumos e novas vias para a promoção do desenvolvimento. A análise regional aponta a percepção das especificidades, do singular e do diferente como caminho para alternativas ante a malfadada globalização. Pelo viés do cultural, da diversidade, vislumbra-se a fundamentação de projetos com base nas possibilidades e nas condições necessárias ao surgimento de caminhos para o desenvolvimento de um mundo diferente com a promoção da

igualdade. Igualdade no que se refere à diversidade, aos direitos de escolha, participação, e no que diz respeito à qualidade de vida.

No final do século XX, após os repetidos fracassos de modelos de projetos de desenvolvimento em países do Sul ou pobres, ou de Terceiro Mundo, houve um retorno ou um voltar-se para a valorização dos aspectos sociais que durante o predomínio dos modelos da modernidade foram "esquecidos", a exemplo da cultura enquanto diversidade. Projetos de desenvolvimento centrados somente no econômico mostraram-se produtores de endividamentos e pobreza. Ficou claro para a humanidade que, ante a diversidade, não pode haver um modelo único de desenvolvimento. As imposições de projetos não surtiram efeitos de desenvolvimento: "Nos países do Sul, na maioria das vezes, o que tem sido percebido e auxiliado de fora para dentro simplesmente não funciona, ao passo que as organizações espontâneas da economia 'informal' funcionam em sintonia com as necessidades dos meios sociais envolvidos." (ZAQUAL, 2003, p.25).

Evidencia-se, dessa forma, a necessidade de valorização das potencialidades dos atores locais-regionais em meio ao processo de mundialização das economias, o que requer novas abordagens, de tal forma que "a tensão entre a ascensão da mundialização das economias, de um lado, e a volta às identidades e aos territórios, de outro, desempenha papel fundamental nessa decomposição-recomposição do pensamento social" (ZAQUAL, 2003, p.27). O que significa que as contingências de cada meio, a idéia de pertencimento (que não se fecha em si mesmo, mas que se relaciona com os demais, sendo resultado de múltiplas contingências), o ser social (que pensa e age num processo de movimento, de dinâmica), que definem o hibridismo cultural, são condições essenciais a serem consideradas para que um projeto de desenvolvimento aconteça.

Sob essa perspectiva, o desenvolvimento requer uma abordagem multidisciplinar, intercultural e regional. A cultura do capitalismo continua presente e deve ser

considerada, porém não como abordagem única. A diversidade, o múltiplo, são características da humanidade e, atualmente, ponto pacífico entre os estudiosos e instituições que se voltam para projetos de desenvolvimentos ou para o estudo das sociedades. As instituições de mercado não conseguem suprir a “vitalidade das práticas econômicas híbridas” (ZAOUAL, 2003, p.34), constatação que respalda a possibilidade do desenvolvimento “em si” e “per si” (HEGEL, 1974, p.61).

Essa realidade de hibridismo que mantém em constante dinâmica a essência da própria identidade é que leva a humanidade a negar modelos uniformizantes, exclusivos, degradadores da diversidade (diversidade como essência da identidade), predatórios do ambiente, promotores das desigualdades (relações Norte-Sul...) e motores de guerras de civilizações e culturas, como no caso do Oriente Médio. Para Latouche (1994, p.107), em meio ao caos da ocidentalização do mundo, há alternativas. Estas se encontram

onde a ‘máquina’ não encontrou verdadeiramente seu lugar próprio, na zona onde a ocidentalização foi mais superficial, onde as resistências foram mais vivas, onde os limites foram mais sensíveis, ali também desenham-se mais nitidamente, senão os contornos de uma nova ordem e de um mundo novo, ao menos as formas de recomposição parcial de socialidades.

A compreensão da realidade pelo viés da cultura e, conseqüentemente, da diversidade, possibilita uma percepção do desenvolvimento em uma escala mais horizontal e igualitária. Para Kliksberg (2003, p.27-28), toda diretriz política, para ser efetiva e promotora do desenvolvimento, deve considerar o aspecto cultural de uma região, pois na hipótese de esse aspecto, juntamente com o capital social, serem desconsiderados, *“se inutilizarán importantes capacidades aplicables al desarrollo y desatarán poderosas resistencias. Si por el contrario, se reconoce, explora, valora y potencia su aporte, puede ser muy relevante y propiciar círculos virtuosos con las otras dimensiones del desarrollo”*.

Cabe destacar que os valores cultivados por uma sociedade influenciam significativamente os esforços para alavancar o desenvolvimento. Nessa ótica, Zaoual (2003, p.57) corrobora que “o real não funciona por cortes ou recortes”. Entende-se, dessa forma, que a sociedade é resultado da complexidade sociopolítica e econômico-cultural e que aspectos não são compartimentos isolados, mas interconectados por fusões complexas que devem ser consideradas no plano do desenvolvimento.

O modelo ocidental de desenvolvimento, com tendência à padronização do mundo, mostrou-se ineficaz. Caracterizado pelo ângulo do economicismo, falhou em sua promessa o mito de progresso, e o desenvolvimento individual e/ou coletivo encontra-se abalado no campo das expectativas. Em meio a crises políticas, econômicas, sociais e culturais que caracterizaram a dinâmica mundial no século XX, permeado de guerras, confrontos intraculturais, aprofundamento das desigualdades, enfraquecimento das instituições governamentais e destruição ambiental, ocorreu um retorno aos demais aspectos da vida humana em sociedade. Surgiram novos paradigmas multidisciplinares nos quais a percepção de desenvolvimento não acontece mais pelo caminho da centralização, mas ocorre quando se consideram a diversidade, os sujeitos, as especificidades, a pluralidade da história, da cultura, do político, entre outros fatores. Notoriamente, os projetos que buscam o desenvolvimento não podem mais se viabilizar de forma vertical, mas, sim, na condição horizontal, na qual são consideradas as potencialidades e interesses dos agentes sociais. A percepção do regional molda esse novo cenário e é fundamental para a promoção dessas mudanças.

A conexão local-global e/ou vice-versa é um aspecto da mundialização, sendo que, para Zaoual (2003, p.105),

o indivíduo situado está no centro da problemática da mundialização. Mesmo sendo arrastado por ela, o indivíduo busca dar significações locais ao império da técnica. Por esses motivos, a mundialização precisa estar habitada por homens com todas suas diferenças, seus costumes de lugares, suas crenças, etc.

Cabe salientar que a diversidade cultural da humanidade circunda a todos, e a única imposição possível a ser emitida “a seu respeito (exigência que cria para cada indivíduo deveres correspondentes) é que ela se realize sob formas em que cada uma seja uma contribuição para a maior generosidade das outras” (STRAUSS, 1987, p.98).

Desse modo, a percepção de que as diferenças culturais podem vir a contribuir para o crescimento umas das outras é que leva à constatação de que o desenvolvimento deve ocorrer em escala regional. Isto porque a escala regional não subtrai as diferenças locais, mas une as necessidades locais em relação a pleitos mundiais ou globais. Caminhar na escala regional constitui, dessa forma, condição inteligente de buscar caminhos frente às discrepâncias causadas pelo modelo padronizado e economicista da modernidade e diante das investidas do capital transnacional, que procura, nas atuais circunstâncias, usufruir a diversidade em benefício próprio.

Considerações finais

A busca do desenvolvimento é uma construção humana e constitui parte do indivíduo, da coletividade, e, de modo mais amplo, das sociedades. Tentar negar o processo de desenvolvimento é impossível, pois o homem é, por si e por suas características, social e dinâmico. O que muda na percepção do desenvolvimento vai além da questão temporal, linear e de progresso enfatizado pela modernidade.

O desenvolvimento consubstancia-se, contemporaneamente, numa noção aberta às contingências; sai da escala global e assume novas escalas – o local e o regional. O economicismo deixa de ser o centro para dar lugar às demais variáveis humanas, como o social, o político, o cultural, o objetivo e o subjetivo, enfim, o invisível e o visível, dos mitos e crenças – o desenvolvimento aponta

para a valorização das especificidades, dos sujeitos, das particularidades do lugar e da diversidade cultural.

Outrossim, entende-se que o desenvolvimento sempre se fez valer da cultura, de tal forma que, para a modernidade se construir e reinar, desde o Iluminismo até praticamente os dias atuais, instituiu o mito da cultura ocidental como modelo.

Desse modo, desenvolvimento na dualidade linear ou contingencial ancora-se no âmbito cultural. O diferencial das novas teorias e práticas de desenvolvimento, a estratégia fundamental das novas epistemologias nessa área, assentam-se no valor da diversidade cultural, do hibridismo cultural para qualificar a construção de políticas de desenvolvimento regional. Nisso, tem-se o embasamento das construções de desenvolvimento pautado no regional, em que este, por agregar as diferenças em torno de propostas coesas, internas, não elimina o global, mas se constitui no campo da construção e dinâmica de projetos de desenvolvimento.

Buscando-se, então, responder à formalização inicial deste artigo, que consiste em identificar quais os maiores desafios enfrentados entre cultura e desenvolvimento local por meio de uma pesquisa bibliográfica, entende-se que a modernidade possui tendências eminentemente futuristas. De acordo com Giddens (1991, p.176), as prescrições efetuadas sobre o futuro acabam tornando-se “parte do presente, ricocheteando assim sobre como o futuro na realidade se desenvolve”. Entretanto, ao antever ou formalizar visualizações para o futuro, corre-se o risco de desenvolver procedimentos que podem bloquear o processo de modernização social, o qual possui características muito liberais.

Tendo em vista o aparato técnico disponível atualmente, em termos socioeconômicos, as dificuldades ou barreiras para atingir o grau de desenvolvimento ideal são quase nulas. No entanto, ao mesmo tempo em que isso é evidente, por outro lado existem comunidades em diferentes regiões do planeta que estão fora do processo de desenvolvimento. Assim, um importante desafio consiste em **saber** como harmonizar

essas disparidades e conquistar o desenvolvimento regional. Uma das causas desses fatos advém das desigualdades que permeiam as sociedades e que, por sua vez, prejudicam a dinâmica política das nações, impondo prejuízos ao crescimento dos grupos sociais. E mais: o crescimento, por si só, não é suficiente para eliminar as dificuldades das populações; é necessário que se promova a redistribuição das riquezas, apostando em questões que promovam o bem-estar social.

Outro desafio que faz parte do tema – cultura – refere-se à mundialização, pois esta, por natureza, caracteriza-se por ser um processo em constante transformação. Sua dinamicidade é análoga aos movimentos dos indivíduos, das comunidades, dos grupos sociais, dos espaços regionais, nacionais e transnacionais. Porém, olhando de outro prisma, esse processo de mundialização possui outra dimensão, pois é capaz de albergar, sob o seu bojo filosófico, questões referentes a grupos sociais, étnicos e de nações. Constata-se, então, que com o processo de mundialização emergem dicotomias entre a cultura mundial e as culturas de dimensão regional e nacional. Percebe-se que, quando uma sociedade possui uma cultura com características identificadas com a cultura-mundo, seu universo territorial já pertence à esfera global.

Essa tendência de globalização do mundo atual é decorrente do processo de modernização das sociedades, o qual possui habilidades para conjugar aspectos extensivos e, ao mesmo tempo, mais subjetivos, com o propósito intencional. Tais características conseguem conectar o elemento humano, como diz Giddens (1991, p.174), “a sistemas de grande escala como parte da dialética complexa de mudança nos pólos local e global”. Boa parte dos fenômenos denominados pós-modernos na realidade são relativos às vivências, em que presença e ausência se coadunam sob outra perspectiva.

Não se discute, neste momento, se os desafios decorrentes do encontro entre cultura e desenvolvimento regional são provenientes principalmente da cultura ou

do processo de desenvolvimento, pois se entende que o desenvolvimento só será validado a partir do momento em que proporcionar bem-estar aos indivíduos e grupos sociais. O que importa, contudo, é perceber que, subjacente às contradições existentes entre cultura e desenvolvimento, há um terreno muito fértil que alavanca o desenvolvimento das sociedades.

O que se evidencia, por meio deste artigo, é que a idéia de progresso da época moderna, que caracterizou a sociedade pelo viés do economicismo explicativo e organizativo, não é passível de ser aceita na atualidade, pois relegaria os demais segmentos da vida em sociedade. Outra questão que deve ser destacada é a das diversidades regionais ou locais. Mesmo que estejam em constante processo de transformação, são pertinentes, pois é nesse terreno movedição das construções históricas das sociedades que se identificam orientações plausíveis para o desenvolvimento regional.

Segundo Santos (2002, p.47), “a cultura é por definição um processo social construído sobre a intercepção entre o universal e o particular”. A análise da questão cultural permite que se verifiquem as diferenças para, a partir destas, efetuar comparações. Desse modo, pode-se dizer que a cultura é um segmento da sociedade que alavanca o conhecimento e denota o modo de proceder de uma sociedade. Compreender e analisar a cultura de um povo consiste numa das alternativas que permitem verificar seu modelo organizativo e estrutural, bem como entender seu funcionamento e seu universo imaginativo (tradição, crenças, valores). Nessa ótica, entende-se que seria pertinente, para uma pesquisa mais substancial, analisar em profundidade os temas cultura e desenvolvimento, para que se identifiquem outros desafios resultantes do encontro entre “cultura” e “desenvolvimento”.

- Recebido em: 06/10/2006
- Aprovado em: 31/10/2006

Referências

- BRANT, L. Diversidade cultural: política, caminhos, dispositivos. In: BRANT, L. **Diversidade cultural**: globalização e culturas locais; dimensões, efeitos e perspectivas. São Paulo: Escrituras; Instituto Pensante, 2005.
- CAMARGO, H. L. **Patrimônio histórico e cultural**. 3.ed. São Paulo: Aleph, 2005.
- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas**: estratégias para entrar y salir de la modernidad. Buenos Aires, 1991.
- DIEHL, A. A. **Cultura historiográfica**: memória, identidade e representação. Bauru, SP: EDUSC, 2002.
- GIDDENS, A. **As conseqüências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.
- HEGEL, G. W. **Introdução à história da filosofia**. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- HERMET, G. **Cultura & desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 2000.
- KLIKSBERG, Bernardo; TOMASSINI, Luciano (Org.). **Capital social y cultura**: claves estratégicas para el desarrollo. Buenos Aires, 2000.
- LATOUCHE, S. **A ocidentalização do mundo**: ensaio sobre a significação, o alcance e os limites da uniformização planetária. Petrópolis: Vozes, 1994.
- LEVY-STRAUS, C. **Race et histoire**. Paris: Folio, 1987.
- ORTIZ, R. **A moderna tradição brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1989.
- ORTIZ, R. **Mundialização e cultura**. São Paulo: Brasiliense, 2003.
- SANTOS, B. de S. (Org.). **A globalização e as ciências sociais**. São Paulo: Cortez, 2002.
- SOSNOWSKI, S. Apuestas culturales al desarrollo integral de América Latina. In: KLIKSBERG, Bernardo; TOMASSINI, Luciano (Org.). **Capital social y cultura**: claves estratégicas para el desarrollo. Buenos Aires, 2000.
- TAYLOR, C. **El multiculturalismo y "la política del reconocimiento"**. México: Fondo de Cultura Económica, 1992, p.43-107.
- ZAQUAL, H. **Globalização e diversidade cultural**: textos selecionados e traduzidos por Michel Thiollent. São Paulo: Cortez, 2003.